

## 'Brics poderia ter sido o fiel da balança'

Paulo Buss, ex-presidente da Fiocruz, critica falta de atuação conjunta do grupo de países emergentes na pandemia

Por Gabriel Vasconcelos — Do Rio

19/05/2021 05h01 · Atualizado há 5 horas



Buss, da Fiocruz: Brasil melhorou com a condução de Queiroga na Saúde, mas ainda está em papel de 'demandante' — Foto: Divulgação

O grupo do Brics reúne três grandes produtores de vacinas e dois países com boa capacidade na área, mas não agiu politicamente para equilibrar a distribuição de imunizantes entre os países ricos, emergentes e pobres. A observação é do médico pediatra Paulo Buss, que presidiu a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) de 2001 a 2008, quando passou a chefiar a Federação Mundial de Saúde Pública e a representar o Brasil nos fóruns globais da área.

Atual coordenador do Centro de Relações Internacionais em Saúde da Fiocruz (CRIS), o pesquisador afirma que, além da corrida comercial entre China e Índia pelo mercado global de fármacos, o governo brasileiro teve “razoável responsabilidade” na falta de articulação do Brics, ao hostilizar seguidamente as vacinas chinesa e russa e contrariar a proposta de flexibilização de patentes de produtos úteis na crise, encabeçada por Índia e África do Sul na Organização Mundial do Comércio (OMC).

Por essas e outras, Buss diz que o Brasil perdeu influência na chamada diplomacia da saúde. Os primeiros meses do chanceler Carlos França e do ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, no entanto, aproximam o país dos trilhos das negociações internacionais, segundo ele. O Brasil tem têm pela frente um encontro temático do G20, a Cúpula Global de Saúde, em Roma, na sexta-feira, e a Assembleia Mundial de Saúde, em Genebra, a partir de segunda-feira - ambas virtuais.

A seguir, os principais trechos da entrevista ao **Valor**:

**Valor:** *Qual é a situação do Brasil na diplomacia da saúde?*

**Paulo Buss:** Não é preciso um exame aprofundado para assegurar que o Brasil está muito mal visto na comunidade internacional. O país mudou radicalmente da posição histórica de proponente de políticas solidárias em saúde para algo definido pelo presidente e pelo ex-chanceler [Ernesto] Araújo, de alinhamento automático aos Estados Unidos de [Donald] Trump. Essa situação durou dois anos, mas perdura, como no caso da posição brasileira contrária à flexibilização de patentes relacionadas à pandemia, mesmo ante o aceno americano favorável dos EUA e, mais recentemente, da China. Fora os gestos ditos “antiglobalistas”, como a saída da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) e a proposição de encerrar a União de Nações Sul-Americanas (Unasul), ainda em 2019. Acrescente-se à lista as posições anticiência, o falso dilema que coloca a economia antes da saúde,

a recomendação de tratamentos ineficazes à covid-19 e a convivência com aglomerações que deram espaço a proliferação da variante P1. O mundo olha para o Brasil com muita desconfiança.

**Valor:** *O Brics reúne países produtores de fármacos e vacinas. O Brasil não aproveitou o bloco?*

**Buss:** O Brics não se fez presente como bloco na pandemia, apenas isoladamente, com Rússia, China e Índia como grandes desenvolvedores e produtores de vacina. Junto com Brasil e África do Sul, que também têm expertise na área, o Brics poderia ter sido o fiel da balança na distribuição das vacinas. Articulados, esses países poderiam ter evitado que os dez países mais ricos do mundo reservassem 75% do total de imunizantes previstos. Esses países têm até duas ou três vezes a quantidade necessária para imunizar suas populações, enquanto a África inteira não vacinou e os latino-americanos e asiáticos pobres enfrentam dificuldades. Prevendo a possibilidade de pandemia, o Brics decidiu, em 2018, pela criação de um centro de desenvolvimento de vacinas comum, o que chegou a ser confirmado na cúpula do grupo em 2020. Mas ficou na retórica. O centro não saiu e o bloco tão pouco atuou para ajudar a OMS em uma distribuição equitativa de vacinas.

**Valor:** *Por que isso aconteceu?*

**Buss:** Principalmente em função da disputa comercial em fármacos entre China e Índia, que também têm atritos geopolíticos. Em vez de aproveitarem a capacidade produtiva para cooperar, esses países escolheram competir pelo mercado global. Mas o Brasil também tem razoável responsabilidade nisso [paralisia do Brics] ao hostilizar seguidamente as vacinas chinesa e russa e contrariar os interesses de Índia e África do Sul, que lideram o esforço de quebra das patentes na OMC. Não há clima para se atuar em conjunto e tirar proveito do bloco para si e para o mundo.

**Valor:** *É possível recuperar espaço na arena internacional?*

**Buss:** Sim. Pensando exclusivamente a saúde, a situação melhorou com a chegada dos ministros [das Relações Exteriores, Carlos] França e [da Saúde, Marcelo] Queiroga, mais próximos da "normalidade". França fez referência à diplomacia da saúde em sua posse e, mais que isso, instituiu um grupo de trabalho na área. É verdade que, por ora, o trabalho está todo voltado à obtenção de vacinas, mas é

possível expandir esse escopo para retomar laços de cooperação. É o melhor que se pode esperar. De sua parte, Queiroga se reuniu com representantes da OMS assim que assumiu a Saúde. É uma reaproximação, ainda que num papel de demandante, e não de prestação de apoio, como o Brasil está historicamente habituado, pela experiência do Sistema Único com vacinas, saúde da família, farmácia popular e outros programas reconhecidos internacionalmente.

**Valor:** *O que deve ser feito?*

**Buss:** Este mês será decisivo, com a Cúpula Global de Saúde do G-20 no dia 21 e depois a semana da Assembleia Mundial da Saúde da ONU. Na primeira, vai se discutir a declaração de Roma, para consolidar a posição do G-20 em relação a pandemias e, na assembleia, [vai se debater] um novo tratado sobre o assunto, com discussão sobre os limites da soberania de países que se tornam ameaças globais nessas situações. No draft [rascunho] do G-20, há medidas de fortalecimento da OMS, maior da cooperação para desenvolvimento e produção de insumos, o que envolve a discussão sobre flexibilização de patentes, além da agenda 20-30 de desenvolvimento sustentável. A curto prazo seria importante o Brasil rever a posição contrária à quebra de patentes, incoerente com a posição histórica e sem sentido para um país com balança comercial desfavorável em fármacos. Também seria importante recriar a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável, extinta em 2019 com outros conselhos que tinham participação da sociedade civil. O governo passou a ignorar a agenda 20-30, e, desde 2017, o Brasil não entrega um informe voluntário dos avanços nessa área. Embora isso passe pela área ambiental, do [ministro Ricardo] Salles, tem repercussão nas discussões sanitárias.

**Valor:** *A América Latina reúne oito dos dez países com os piores desempenhos na pandemia, diz o Ipea. Não falta articulação regional?*

**Buss:** Sem dúvida. O que atrapalha a região é, também, a falta de uma estrutura comum em saúde. Na extinta Unasul, havia o Instituto Sul-Americano de Governo em Saúde. Mas, na ausência, França e Queiroga deveriam promover uma reunião dos ministros da Saúde. É preciso se aliar a México e Argentina para liderar uma coordenação que passa por aspectos práticos, como compras conjuntas de fármacos e equipamentos, para ganhar escala, redução de taxas, vigilância de fronteira e acesso a sistemas de saúde vizinhos.

## **Valor:** *Como avalia a relação de causa e efeito das declarações do presidente Bolsonaro sobre a China e atrasos na entrega do IFA?*

**Buss:** As declarações são impróprias ao bom fluxo diplomático, mas não se pode atribuir os atrasos na entrega do IFA só a isso. É uma combinação de fatores. Há pressão sobre as empresas chinesas que produzem o insumo. A China tem o ciclo de produção completo da vacina e, portanto, essas empresas têm que fornecer para a demanda interna e externa. Eles têm capacidade, mas não é simples fabricar na quantidade que Fiocruz e Butantan demandam. Também há mecanismos burocráticos para se liberar o produto em nível nacional e provincial. E, além disso, ao menos no caso da Fiocruz, não é uma relação bilateral, pois envolve a AstraZeneca. Há necessidade comercial de atender bem a contratante. Não dá para dizer, como o [governador de São Paulo, João] Doria faz, que todo o atraso se deve à impropriedade das falas contra a China. E nem que a China retalha o Brasil. A posição chinesa continua sendo de solidariedade. Tanto que, apesar dos atrasos, há compensações e os cronogramas finais têm sido cumpridos.

---

### Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por **taboola**

---

LINK PATROCINADO

**O tênis mais vendido de 2021 agora com 70% de desconto.**

AIR PRESTO

LINK PATROCINADO

**Saúde: Quem passou dos 40 precisa desse dispositivo.**

NEWUNIVERSO

Saiba Mais

LINK PATROCINADO

**Novo método para tratar fungos nas unhas vira febre em Rio De Janeiro**

NAIL CURE

LINK PATROCINADO

**3 sinais de que seu cão está pedindo ajuda**

PETVI

LINK PATROCINADO

**O que nunca fazer com um cão que tem mais de 10 anos?**

PETVI